

Ruth Rocha

Marcelo, marmelo, martelo

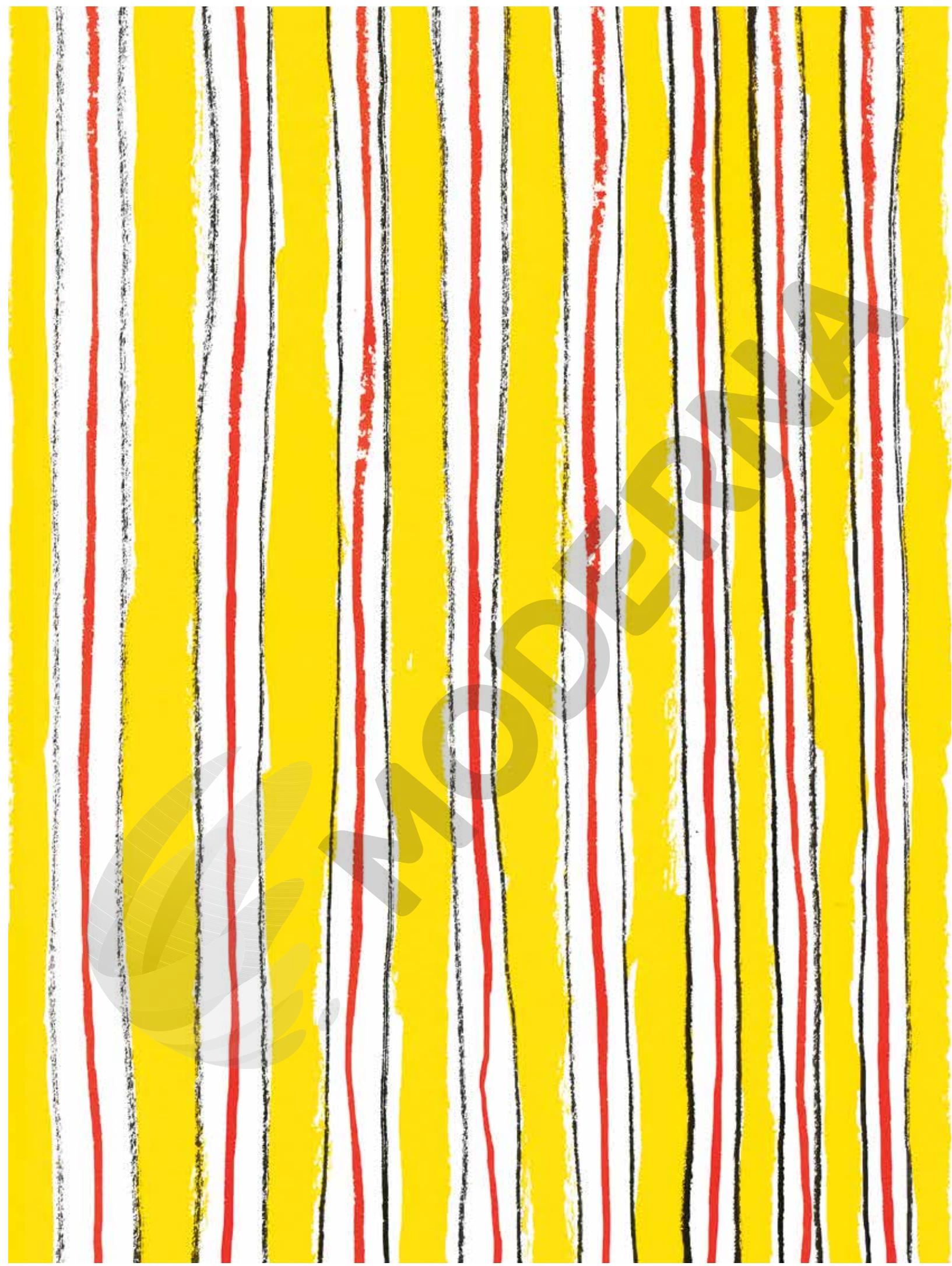


ILUSTRAÇÕES DE
MARIANA MASSARANI

LIVRO DO PROFESSOR

MATERIAL DE DIVULGAÇÃO. VERSÃO SUBMETIDA À AVALIAÇÃO.
PNLD 2023 - Objeto 3
Código da coleção:
0679 P23 03 01000 000


SALAMANDRA





Ruth Rocha

Marcelo, marmelo, martelo

ILUSTRAÇÕES DE
MARIANA MASSARANI

1^a edição, 2021

LIVRO DO PROFESSOR



Texto © 2021 Ruth Rocha

Ilustrações © 2021 Mariana Massarani

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Lenice Bueno da Silva

ASSISTENTE EDITORIAL

Rita de Cássia da Cruz Silva

SUPERVISÃO DA OBRA DE RUTH ROCHA

Mariana Rocha

PROJETO GRÁFICO

Traço Design

DIGITALIZAÇÃO DE IMAGENS

Angelo Greco

IMPRESSÃO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rocha, Ruth
Marcelo, marmelo, martelo : livro do professor /
Ruth Rocha ; ilustrações de Mariana Massarani. – 1. ed. –
São Paulo : Salamandra, 2021.

ISBN 978-85-7568-142-8

1. Contos – Literatura infantojuvenil I. Massarani, Mariana.
II. Título.

21-67950

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura infantil 028.5
2. Contos : Literatura infantojuvenil 028.5

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Todos os direitos reservados

SALAMANDRA EDITORIAL LTDA.

Rua Urbano Santos, 755, sala 2
Guarulhos – SP – Brasil – CEP 07182-320

Impresso no Brasil, 2021



DE ACORDO COM AS
NOVAS NORMAS
ORTUROGRÁFICAS

HISTÓRIA UM

Marcelo, marmelo, martelo

PÁGINA 7



HISTÓRIA DOIS

Teresinha e Gabriela

PÁGINA 27



HISTÓRIA TRÊS

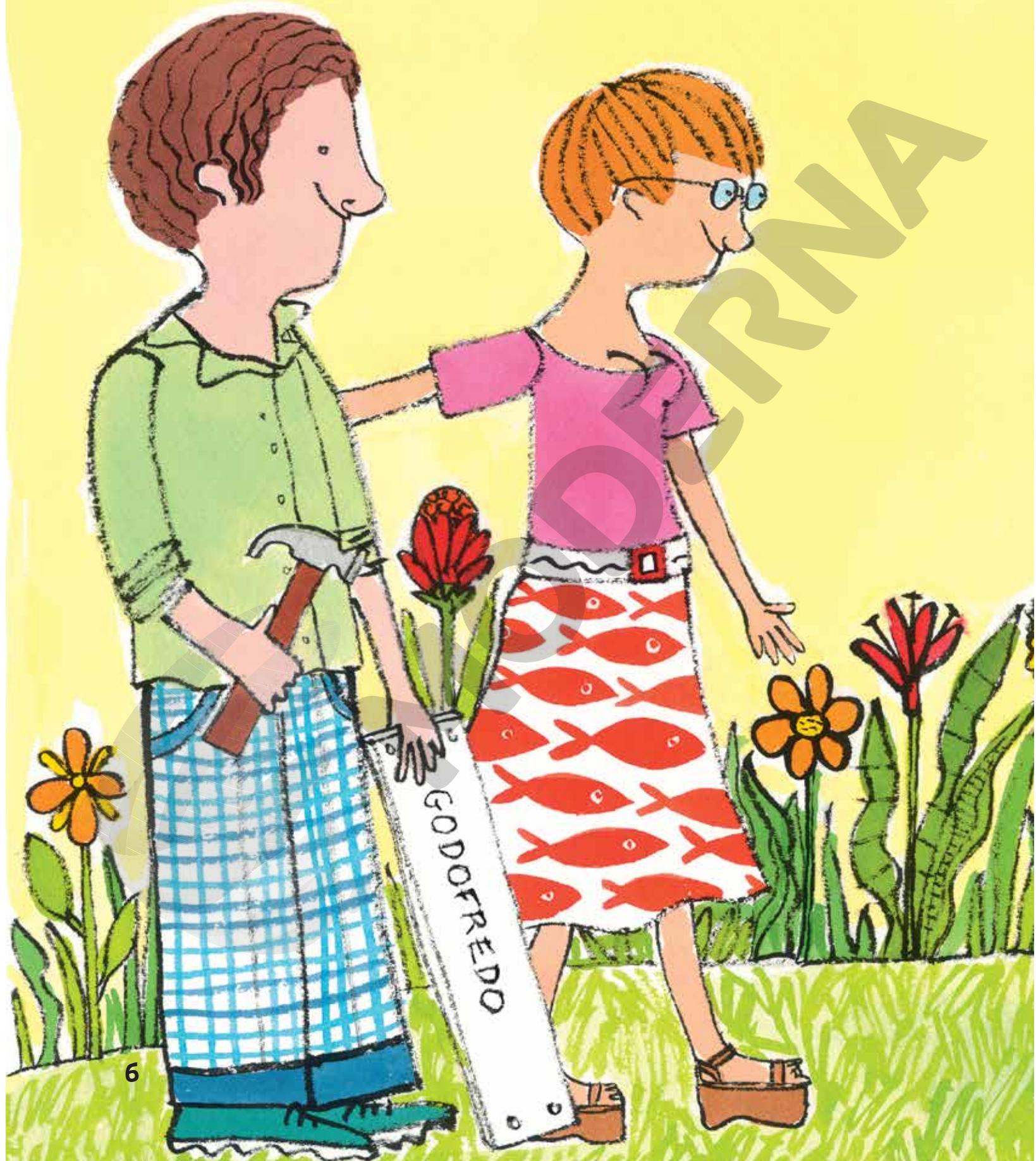
O dono da bola

PÁGINA 45

LIVROS, LEITURA, LITERATURA, POR MARISA LAJOLLO, PÁGINA 62

SOBRE A AUTORA, PÁGINA 68

PARATEXTO: QUE HISTÓRIA É ESSA?, PÁGINA 70



Marcelo, marmelo, martelo



Marcelo vivia fazendo perguntas a todo mundo:

- Papai, por que é que a chuva cai?
 - Mamãe, por que é que o mar não derrama?
 - Vovó, por que é que o cachorro tem quatro pernas?
- As pessoas grandes às vezes respondiam.
- Às vezes, não sabiam como responder.
- Ah, Marcelo, sei lá...



Uma vez, Marcelo cismou com o nome das coisas:

- Mamãe, por que é que eu me chamo Marcelo?
 - Ora, Marcelo foi o nome que eu e seu pai escolhemos.
 - E por que é que não escolheram martelo?
 - Ah, meu filho, martelo não é nome de gente!
- É nome de ferramenta...
- Por que é que não escolheram marmelo?
 - Porque marmelo é nome de fruta, menino!
 - E a fruta não podia chamar Marcelo, e eu chamar marmelo?



No dia seguinte, lá vinha ele outra vez:

- Papai, por que é que mesa chama mesa?
- Ah, Marcelo, vem do latim.
- Puxa, papai, do latim? E latim é língua de cachorro?
- Não, Marcelo, latim é uma língua muito antiga.
- E por que é que esse tal de latim não botou na mesa nome de cadeira, na cadeira nome de parede, e na parede nome de bacalhau?
- Ai, meu Deus, este menino me deixa louco!

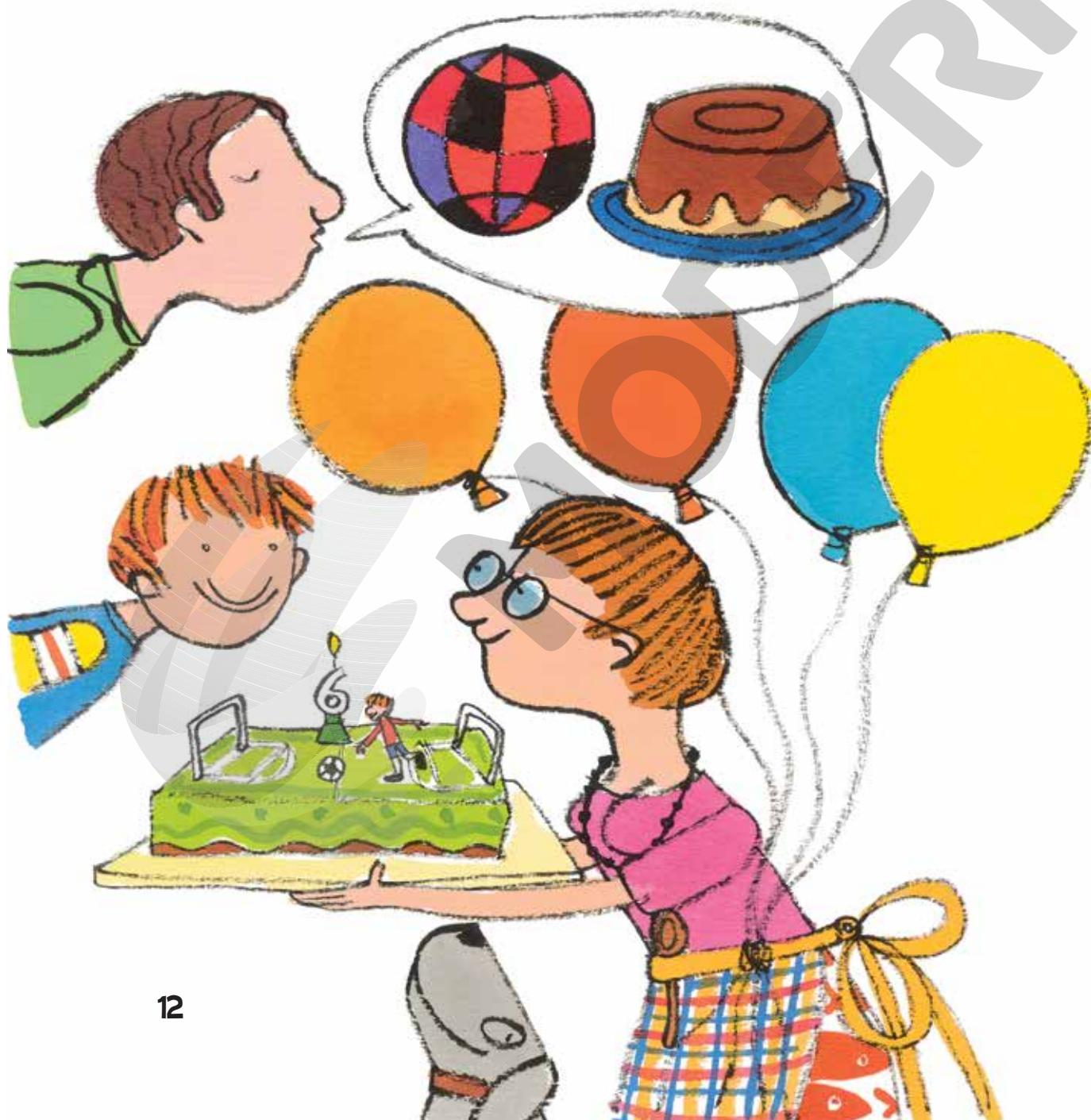




Daí a alguns dias, Marcelo estava
jogando futebol com o pai:

— Sabe, papai, eu acho que o tal de
latim botou nome errado nas coisas.
Por exemplo: por que é que bola
chama bola?

— Não sei, Marcelo, acho que bola lembra uma coisa redonda, não lembra?
— Lembra, sim, mas... e bolo?
— Bolo também é redondo, não é?
— Ah, essa não! Mamãe vive fazendo bolo quadrado...
O pai de Marcelo ficou atrapalhado.



E Marcelo continuou pensando:
"Pois é, está tudo errado! Bola é bola, porque é redonda.
Mas bolo nem sempre é redondo. E por que será que a bola
não é a mulher do bolo? E bule? E belo? E bala? Eu acho que
as coisas deviam ter nome mais apropriado. Cadeira, por
exemplo. Devia chamar sentador, não cadeira, que não quer
dizer nada. E travesseiro? Devia chamar cabeceiro, lógico!
Também, agora, eu só vou falar assim".



Logo de manhã, Marcelo começou a falar sua nova língua:

- Mamãe, quer me passar o mexedor?
- Mexedor? Que é isso?
- Mexedorzinho, de mexer café.
- Ah... colherinha, você quer dizer.
- Papai, me dá o suco de vaca?
- Que é isso, menino?
- Suco de vaca, ora! Que está no suco da vaqueira.
- Isso é leite, Marcelo. Quem é que entende este menino?





O pai de Marcelo resolveu conversar com ele:

— Marcelo, todas as coisas têm um nome. E todo mundo tem que chamar pelo mesmo nome, porque, senão, ninguém se entende...

— Não acho, papai. Por que é que eu não posso inventar o nome das coisas?



— Deixe de dizer bobagens, menino! Que coisa mais feia!
— Está vendo como você entendeu, papai? Como é que você
sabe que eu disse um nome feio?
O pai de Marcelo suspirou:
— Vá brincar, filho, tenho muito que fazer...



Mas Marcelo continuava não entendendo a história dos nomes.
E resolveu continuar a falar, à sua moda. Chegava em casa e dizia:
— Bom solário pra todos...
O pai e a mãe de Marcelo se olhavam e não diziam nada.
E Marcelo continuava inventando:
— Sabem o que eu vi na rua? Um puxadeiro puxando
uma carregadeira. Depois, o puxadeiro fugiu e o possuidor
ficou danado.





A mãe de Marcelo já estava ficando preocupada. Conversou com o pai:

— Sabe, João, eu estou muito preocupada com o Marcelo, com essa mania de inventar nomes para as coisas... Você já pensou quando começarem as aulas? Esse menino vai dar trabalho...

— Que nada, Laura! Isso é uma fase que passa.
Coisa de criança...

Mas estava custando a passar...

Quando vinham visitas, era um caso sério. Marcelo
só cumprimentava dizendo:

— Bom solário, bom lunário... — que era como ele
chamava o dia e a noite.

E os pais de Marcelo morriam de vergonha das visitas.



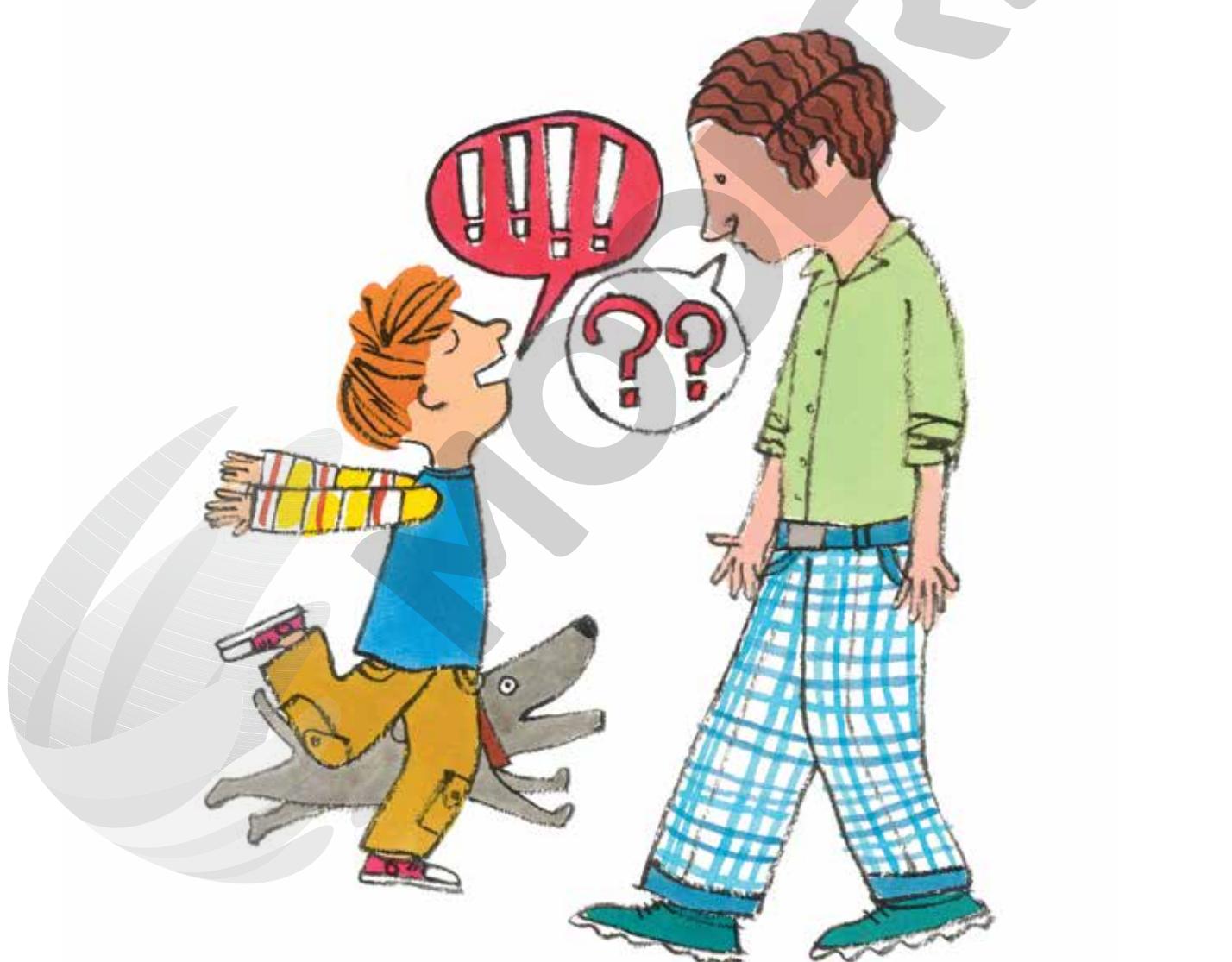
Até que um dia...

O cachorro do Marcelo, o Godofredo, tinha uma linda casinha de madeira que Seu João tinha feito para ele. E Marcelo só chamava a casinha de moradeira, e o cachorro de Latildo.
E aconteceu que a casa do Godofredo pegou fogo.
Alguém jogou uma ponta de cigarro pela grade, e foi aquele desastre!



Marcelo entrou em casa correndo:

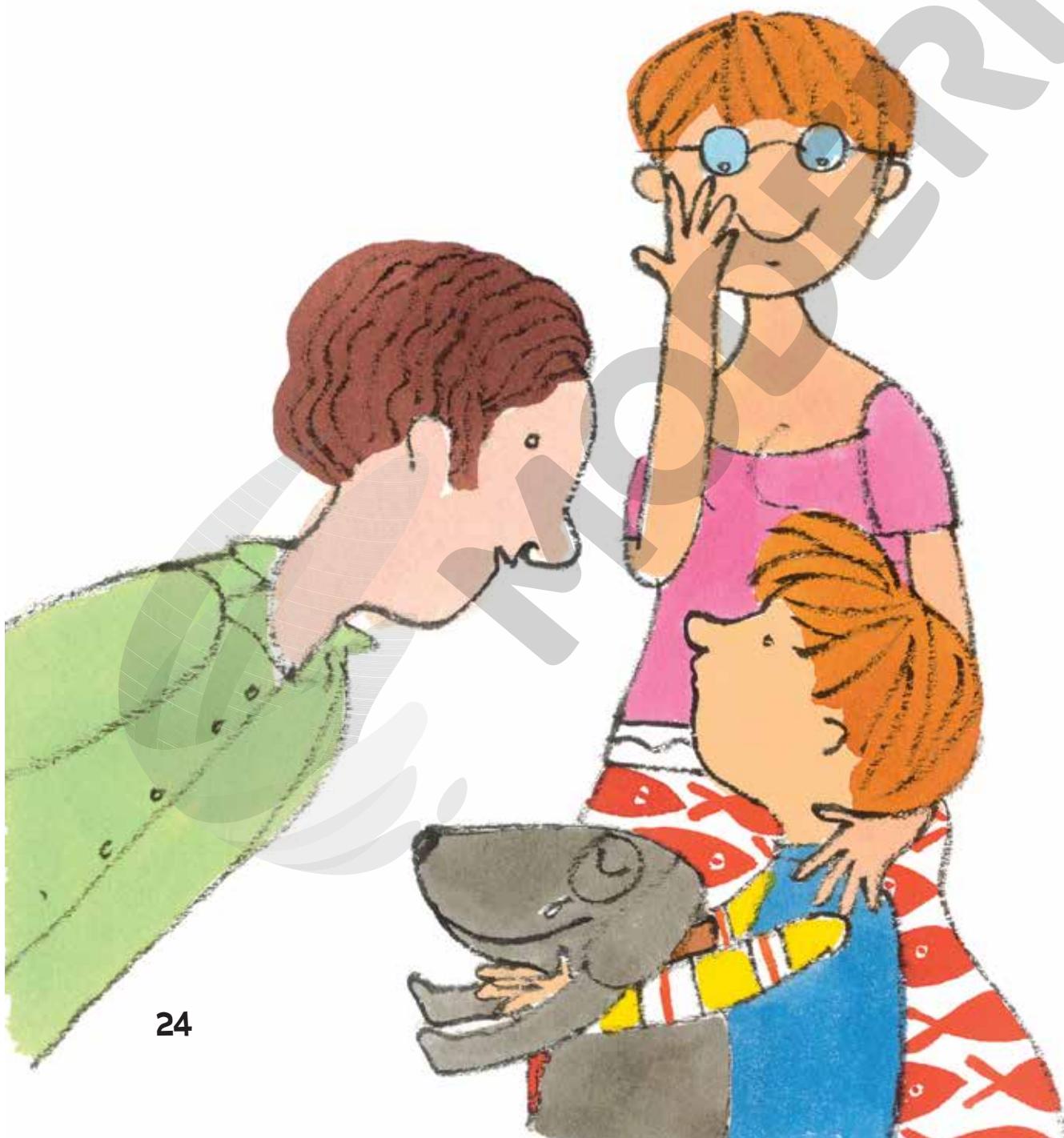
- Papai, papai, embrasou a moradeira do Latildo!
 - O que, menino? Não estou entendendo nada!
 - A moradeira, papai, embrasou...
 - Eu não sei o que é isso, Marcelo. Fala direito!
 - Embrasou tudo, papai, está uma branqueira danada!
- Seu João percebia a aflição do filho, mas não entendia nada...



Quando Seu João chegou a entender do que Marcelo
estava falando, já era tarde.
A casinha estava toda queimada. Era um montão de brasas.
O Godofredo gania baixinho...
E Marcelo, desapontadíssimo, disse para o pai:
— Gente grande não entende nada de nada, mesmo!



Então a mãe do Marcelo olhou pro pai do Marcelo.
E o pai do Marcelo olhou pra mãe do Marcelo.
E o pai do Marcelo falou:
— Não fique triste, meu filho. A gente faz uma moradeira nova
pro Latildo.
E a mãe do Marcelo disse:
— É sim! Toda marronzinha, com a entradeira na frente e um
cobridor bem azulzinho...





E agora, naquela família, todo mundo se entende muito bem.
O pai e a mãe do Marcelo não aprenderam a falar como ele,
mas fazem força pra entender o que ele fala.
E nem estão se incomodando com o que as visitas pensam...

O tempo passou, Marcelo cresceu, trabalhou e se casou. A filha mais velha de Marcelo já está com sete anos. No outro dia, ela chegou perto do Marcelo, que estava lendo jornal, e perguntou:



Teresinha e Gabriela



Gabriela menina, Gabriela levada.

Ô, menina encapetada...

Gabriela sapeca:

— Menina, como é que você se chama?

— Eu não me chamo, não, os outros é que me chamam Gabriela.

Gabriela serelepe:

— Menina, para onde vai essa rua?

— A rua não vai, não, a gente é que vai nela.





Gabriela na escola:

— Gabriela, quem foi que descobriu o Brasil?

— Ah, professora, isso é fácil, eu só queria saber quem foi que cobriu.

Gabriela não deixava a professora em paz:

— Professora, céu da boca tem estrelas?

— Professora, barriga da perna tem umbigo?

— Professora, pé de alface tem calos?

Gabriela era quem inventava as brincadeiras:

— Vamos brincar de amarelinha?

Todo mundo ia.

— Vamos brincar de pegador?

Todos concordavam.

Todos queriam brincar com Gabriela.





Foi aí que mudou, para a mesma rua da
Gabriela, a Teresinha.
Teresinha loirinha, bonitinha, arrumadinha.
Teresinha estudiosa, vestida de cor-de-rosa.
Teresinha.
Que belezinha...

Os amigos vinham contar a Gabriela:

— Teresinha tem um vestido com rendinha.

— Teresinha tem uma caixinha de música.

— Teresinha tem cachos no cabelo.

Gabriela já estava enciumada:

— Grande coisa, cachos! Bananeira também tem cachos!





Gabriela não queria nem ver Teresinha:

- Menina enjoada, não sabe correr, não suja o vestido,
só vive estudando. Deus me livre!
- Mas ela é boazinha — os meninos diziam.
- Boazinha, nada! Ela é sonsa.
- Mas você nunca falou com ela, Gabriela.
- Não interessa. Não falei e não gostei, pronto!

Mas Gabriela já estava impressionada, de tanto que falavam da Teresinha.

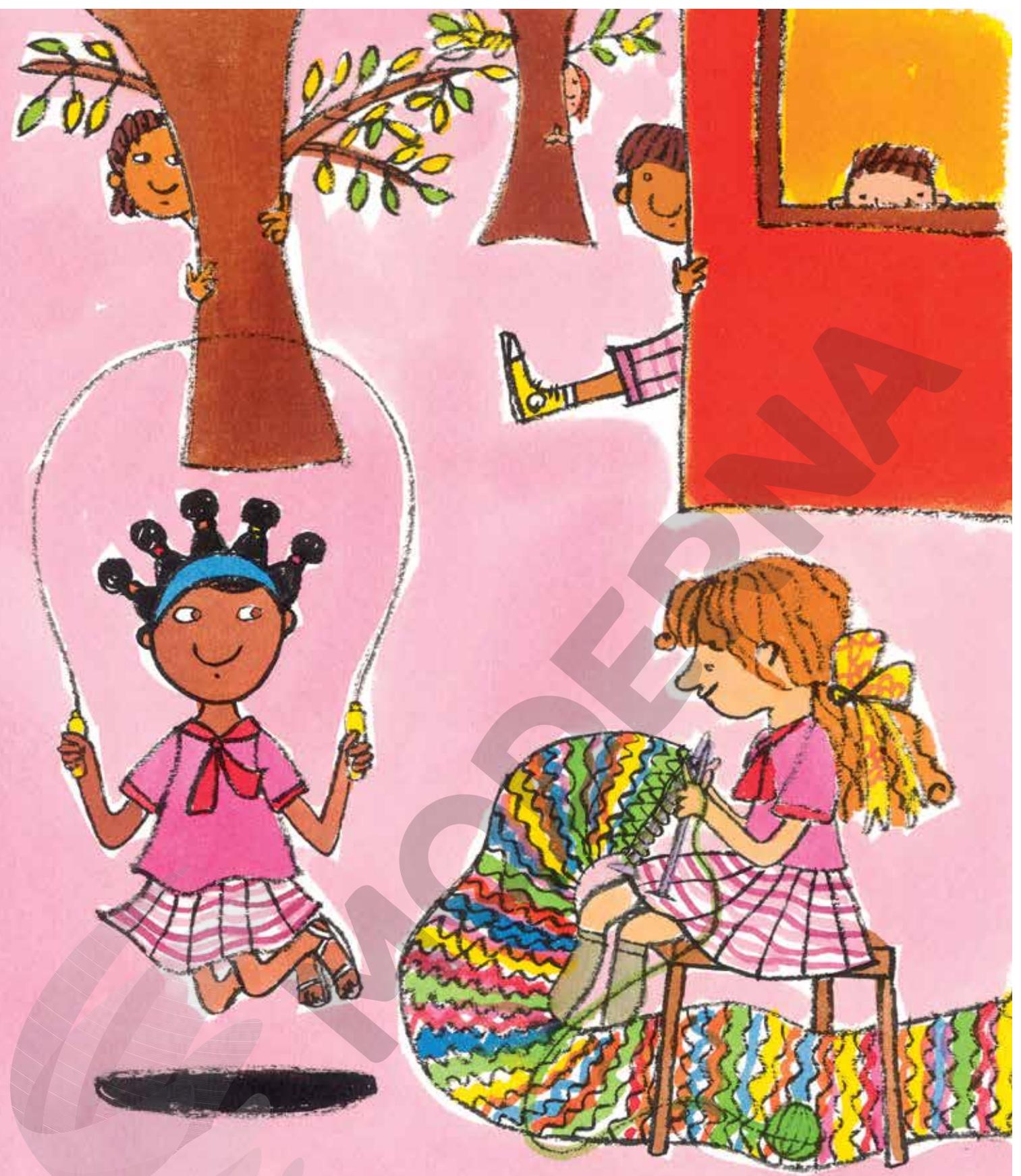
E Gabriela começou a se olhar no espelho e achar o seu cabelo muito sem graça:

— Mamãe, eu queria fazer cachos nos cabelos.

— Mamãe, eu queria um vestido cor-de-rosa.

— Mamãe, eu queria uma caixinha de música.





E Gabriela começou a se modificar.

Na escola, no recreio, Gabriela não pulava corda
nem brincava de esconde-esconde.

Ficava sentadinha, quietinha, fazendo tricô.

De tarde, Gabriela não ia mais brincar na rua para não sujar o vestido.

E, à noite, muito em segredo, Gabriela enchia a cabeça de papelotes para encrespar os cabelos.



Os amigos vinham chamar Gabriela:

— Gabriela, vamos andar de bicicleta?

— Agora eu não posso — respondia Gabriela. — Preciso ajudar a mamãe.

A mãe de Gabriela estranhava:

— Que é isso, menina? Você não tem nada para fazer agora.

E Gabriela, com ares de gente grande, respondia:

— Eu já estou crescida para essas brincadeiras...



E Teresinha?

O que é que estava acontecendo com Teresinha?



Teresinha só ouvia falar de Gabriela:

- Gabriela é que sabe pular corda.
- Gabriela usa rabo de cavalo para o cabelo não atrapalhar.
- Gabriela só usa calças compridas.

Teresinha respondia com pouco caso:

- Que menina mais sem modos! Deus me livre...

Mas, quando as crianças saíam, Teresinha pedia:
— Mamãe, eu quero umas calças compridas.
E, no fundo do quintal, Teresinha treinava, pulando corda e
amarelinha, para ir brincar na rua, como Gabriela.



E, na primeira vez que as duas se encontraram, a turma nem queria acreditar.

Gabriela, fazendo pose de moça, de cabelos cacheados, sapatos de pulseirinha, vestido todo bordado.

Gabriela empurrando o carrinho da boneca, comportadíssima.





Teresinha pulando sela,
assoviando, levadíssima.

As duas se olharam, no começo,
desconfiadíssimas.

Depois, começaram a rir porque
estavam mesmo muito engraçadas.

Agora, Teresinha e Gabriela são grandes amigas.
E cada uma aprendeu muito com a outra.
Gabriela sabe a lição de história do Brasil, embora seja ainda a
campeã de bolinha de gude.
E Teresinha, embora seja ainda uma boa aluna na escola,
já sabe andar de bicicleta, pular amarelinha, e até já está
aprendendo a fazer suas gracinhas.





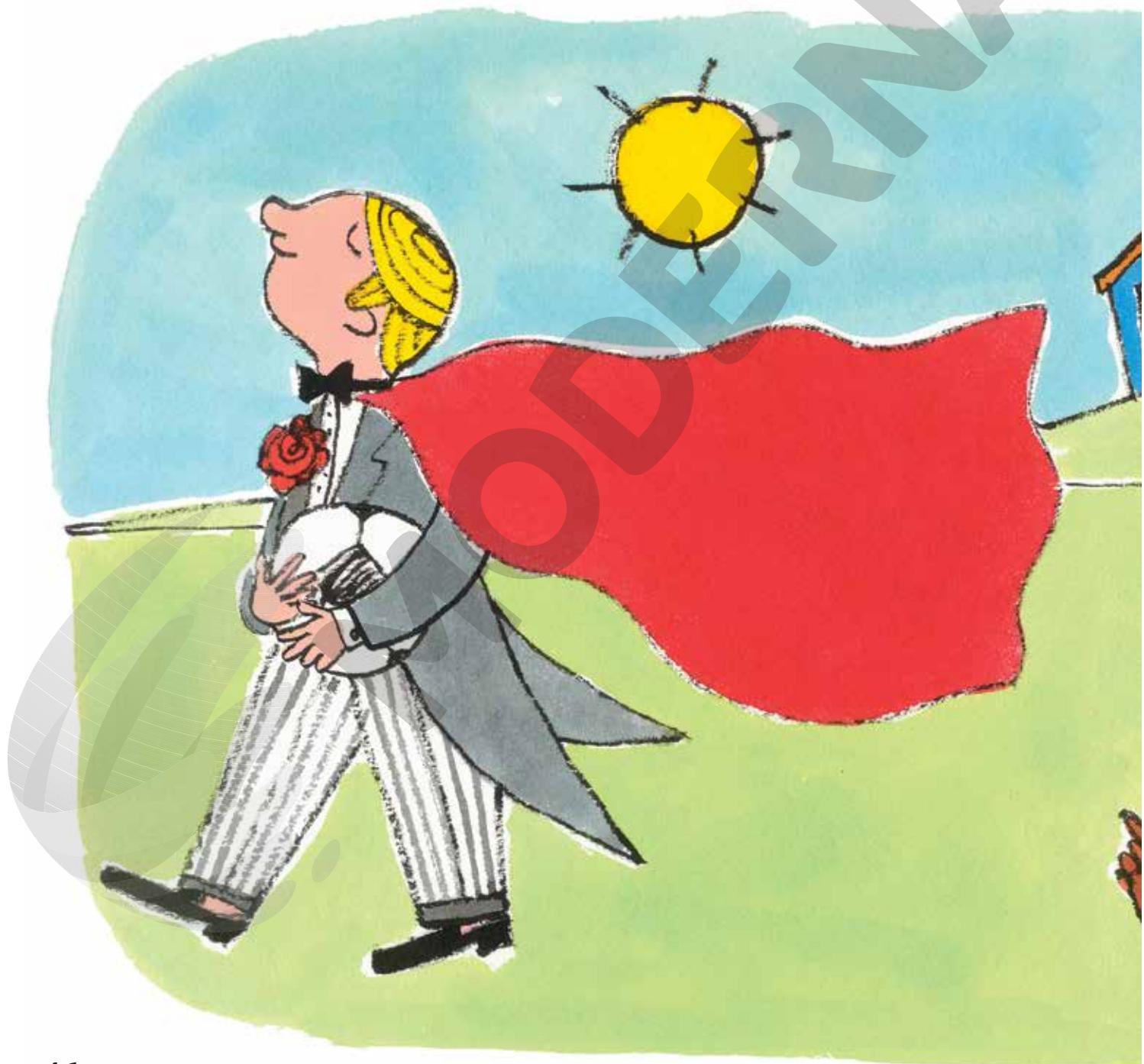
Ontem, quando a professora perguntou a Teresinha:
— Minha filha, o que você vai ser quando crescer?
Teresinha não teve dúvidas:
— Vou ser grande, ué!



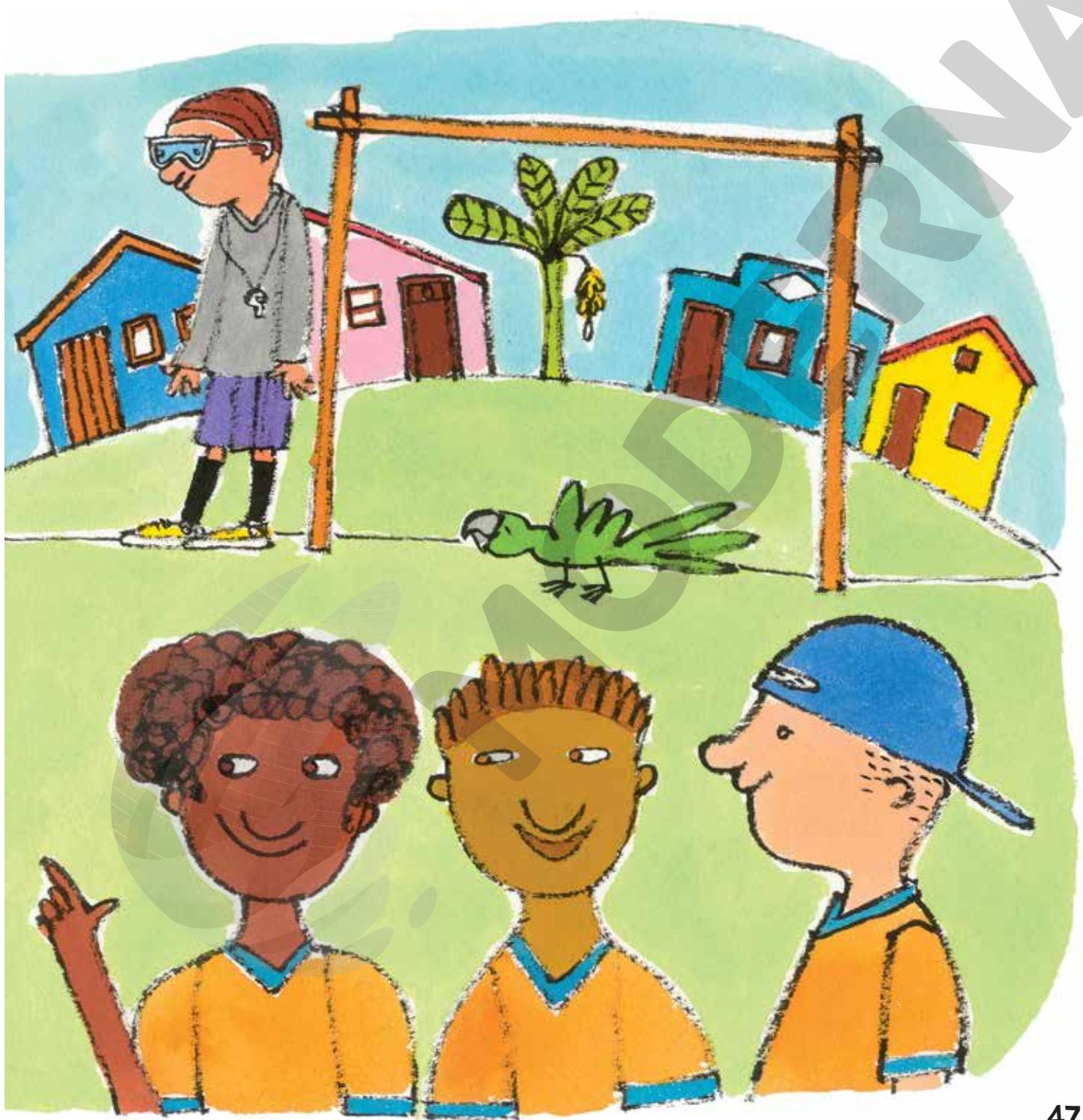
O dono da bola



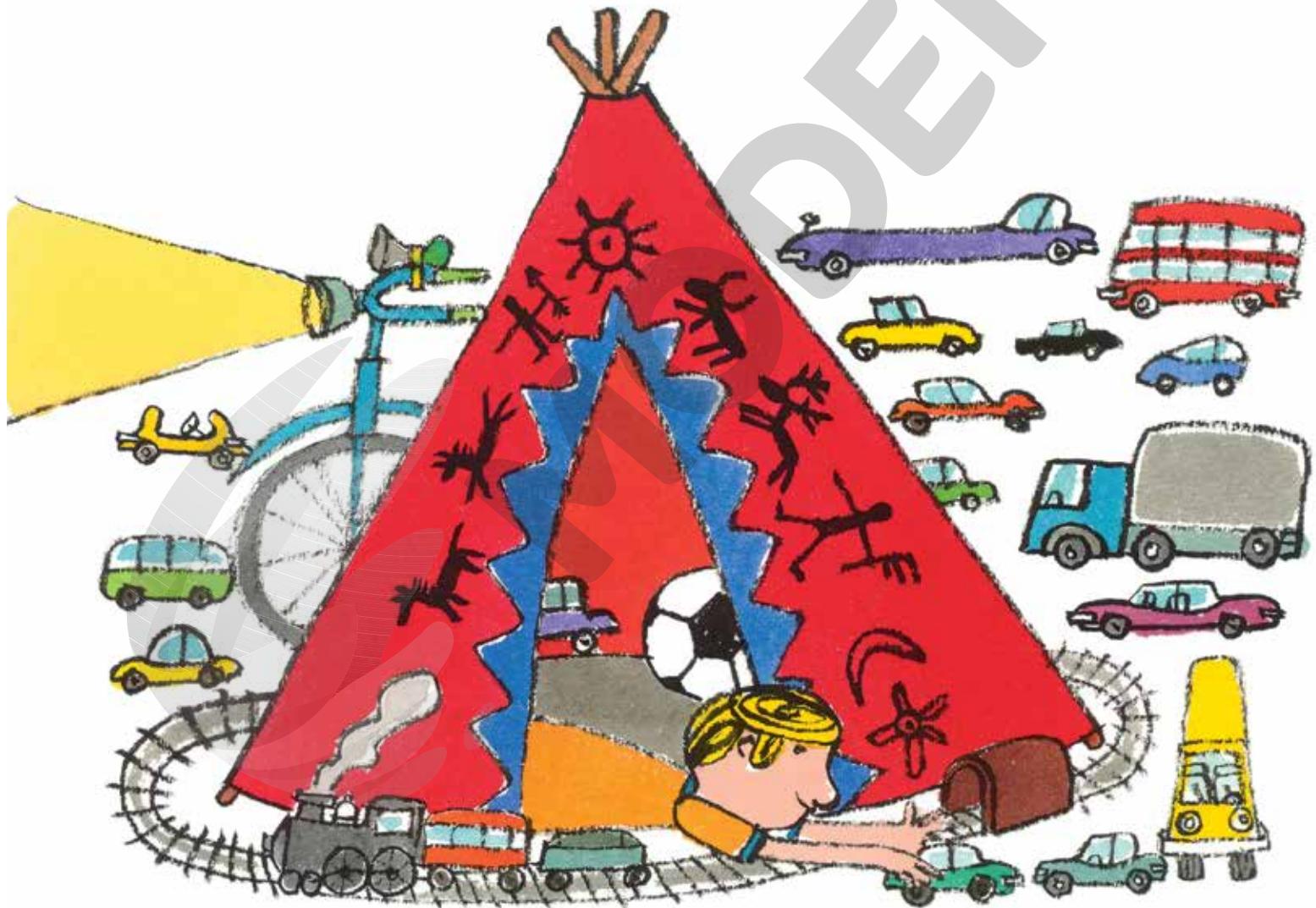
Este é o Caloca. Ele é um amigo muito legal.
Mas ele não foi sempre assim, não. Antigamente
ele era o menino mais enjoado de toda a rua.
E não se chamava Caloca.
O nome dele era Carlos Alberto.



E sabem por que ele era assim enjoado?
Eu não tenho certeza, mas acho que é porque
ele era o dono da bola.
Mas me deixem contar a história, do começo.



Caloca morava na casa mais bonita da nossa rua.
Os brinquedos que Caloca tinha, vocês não podem imaginar!
Até um trem elétrico ele ganhou do avô.
E tinha bicicleta, com farol e buzina, e tinha tenda de índio, carrinhos
de todos os tamanhos e uma bola de futebol, de verdade.
Caloca só não tinha amigos. Porque ele brigava com todo mundo.
Não deixava ninguém brincar com os brinquedos dele.
Mas futebol ele tinha que jogar com a gente, porque futebol
não se pode jogar sozinho.



O nosso time estava cheio de amigos. O que nós não tínhamos era bola de futebol. Só bola de meia, mas não é a mesma coisa. Bom mesmo é bola de couro, como a do Caloca. Mas, toda vez que a gente ia jogar com Caloca, acontecia a mesma coisa. Era só o juiz marcar qualquer falta do Caloca que ele gritava logo:

— Assim eu não jogo mais! Dá aqui a minha bola!



— Ah, Caloca, não vá embora, tenha espírito esportivo, jogo é jogo...

— Espírito esportivo, nada! — berrava Caloca. — E não me chame de Caloca, meu nome é Carlos Alberto!

E, assim, Carlos Alberto acabava com tudo que era jogo.

A coisa começou a complicar mesmo quando resolvemos entrar no campeonato do nosso bairro.

A gente precisava treinar com bola de verdade para não estranhar na hora do jogo.

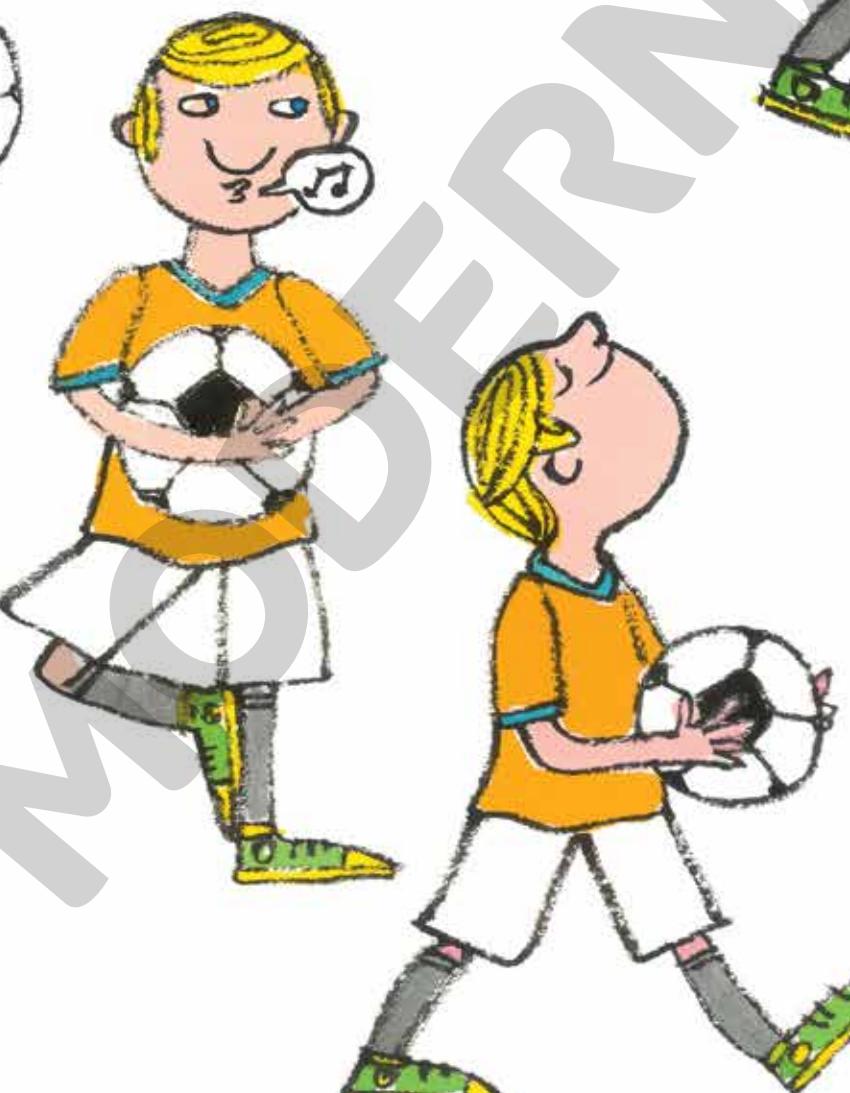
Mas os treinos nunca chegavam ao fim.

Carlos Alberto estava sempre procurando encrenca:





— Se o Beto jogar de centroavante, eu não jogo!



— Se eu não for o capitão do time, vou embora!



— Se o treino for muito cedo, eu não trago bola!

E quando não se fazia o que ele queria, já se sabe,
levava a bola embora e adeus treino.

Catapimba, que era o secretário do clube, resolveu fazer uma reunião:

— Esta reunião é pra resolver o caso do Carlos Alberto. Cada vez que ele se zanga, carrega a bola e acaba com o treino.

Carlos Alberto pulou, vermelhinho de raiva:

— A bola é minha, eu carrego quantas vezes eu quiser!

— Pois é isso mesmo! — disse o Beto, zangado. — É por isso que nós não vamos ganhar campeonato nenhum!

— Pois, azar de vocês, eu não jogo mais nessa droga de time, que nem bola tem!





E Caloca saiu pisando duro,
com a bola debaixo do braço.

Todas as vezes que o Carlos Alberto fazia isso, ele acabava voltando e dando um jeito de entrar no time de novo. Mas, daquela vez, nós estávamos por aqui com ele.

A primeira vez que ele veio ver os treinos, ninguém ligou.

Ele subiu no muro, com a bola debaixo do braço como sempre, e ficou esperando que alguém pedisse para ele jogar.

Mas ninguém disse nada. Quando o Xereta passou por perto, ele puxou conversa:

— Que tal jogar com a bola de meia?

Xereta deu uma risadinha:

— Serve...



Um dia, nós ouvimos dizer que o Carlos Alberto estava jogando no time do Faz-de-Conta, que é um time lá da rua de cima. Mas foi por pouco tempo. A primeira vez que ele quis carregar a bola no melhor do jogo, como fazia conosco, se deu muito mal... O time inteiro do Faz-de-Conta correu atrás dele e ele só não apanhou porque se escondeu na casa do Batata.



Aí, o Carlos Alberto resolveu jogar bola sozinho.
A gente passava pela casa dele e via. Ele batia bola com a parede.
Acho que a parede era o único amigo que ele tinha.
Mas eu acho que jogar com a parede não deve ser muito
divertido. Porque, depois de três dias, o Carlos Alberto não
aguentou mais. Apareceu lá no campinho.



— Se vocês me deixarem jogar, eu empresto a minha bola.

— Nós não queremos sua bola, não.

— Ué, por quê?

— Você sabe muito bem. No melhor do jogo você sempre dá um jeito de levar a bola embora.

— Eu não, só quando vocês me amolam.

— Pois é por isso mesmo que nós não queremos, só se você der a bola para o time de uma vez.

— Ah, essa não! Está pensando que eu sou bobo?



E Carlos Alberto continuou sozinho. Mas eu acho que ele já não estava gostando de estar sempre sozinho.

No domingo, ele convidou o Xereta para brincar com o trem elétrico.

Na segunda, levou o Beto para ver os peixes na casa dele.

Na terça, me chamou para brincar de índio.

E, na quarta, mais ou menos no meio do treino, lá veio ele com a bola debaixo do braço.



— Oi, turma, que tal jogar com uma bola de verdade?



Nós estávamos loucos para jogar com a bola dele.

Mas não podíamos dar o braço a torcer.

— Olha, Carlos Alberto, você apareça em outra hora.

Agora, nós precisamos treinar — disse Catapimba.

— Mas eu quero dar a bola ao time. De verdade!

Nós todos estávamos espantados:

— E você nunca mais pode levar embora?

— E o que é que você quer em troca?

— Eu só quero jogar com vocês...

Os treinos recomeçaram, animadíssimos.
O final do campeonato estava chegando e nós precisávamos
recuperar o tempo perdido. Carlos Alberto estava outro.
Jogava direitinho e não criava caso com ninguém.
E, quando nós ganhamos o jogo final do campeonato, todo
mundo se abraçou.
A gente gritava:
— Viva o Estrela D'Alva Futebol Clube!
— Viva!



— Viva o Catapimba!

— Viva!

— Viva o Carlos Alberto!

— Viva!

Então, o Carlos Alberto gritou:

— Ei, pessoal, não me chamem de Carlos Alberto!

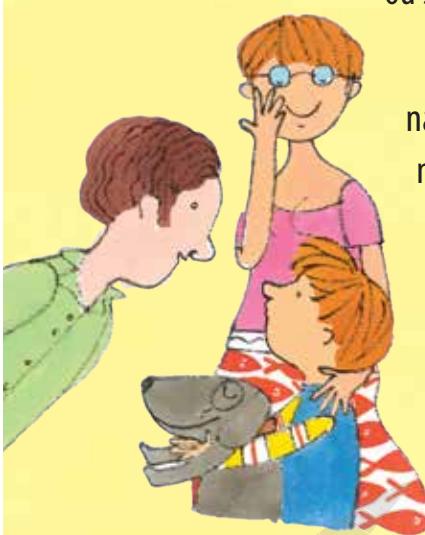
Podem me chamar de Caloca!



Livros, leitura, literatura

Por MARISA LAJOLO

Neste livro, contracenam personagens extraordinárias: Marcelo, Teresinha, Gabriela, Caloca e seus amigos. São todos meninos e meninas que parecem aquelas crianças que a gente gostaria que morassem no andar de cima, na casa do outro lado, na rua em frente: crianças que a gente gostaria que fossem os melhores amigos de nossos filhos ou sobrinhos, ou então... que fossem nossos alunos!



Ao longo das três histórias que este livro conta – e na empatia que as personagens provocam com seus leitores – a literatura cumpre uma de suas funções mais altas: pela inventividade do escritor e pela força das palavras, a ficção mergulha os leitores em vidas alheias, fazendo-os regressar à sua própria vida modificados, mais leves e mais humanos.

Esta função humanizadora não é privilégio da literatura infantil: manifesta-se em todo tipo de literatura, mas em bons livros para crianças e jovens ela talvez se faça presente de forma mais aberta e intensa. Pois crianças são particularmente sensíveis à linguagem como acontece com os protagonistas das histórias aqui reunidas.

Afinal, desde bebezinhos – ou talvez ainda mesmo quando na barriga de suas mães – e de forma cada vez mais complexa ao longo do tempo, as crianças percebem que são/somos cercados por linguagens, que vivem/vivemos mergulhados nelas.

Dentre todas as linguagens que nos cercam e nas quais vivemos imersos, crianças percebem muito cedo a importância da linguagem verbal – a linguagem de que se valem as pessoas a seu redor para falar delas e com elas. Assim, entre os primeiros e mais importantes aprendizados infantis figura com destaque o domínio da língua de sua comunidade e, nesse aprendizado, o aprendizado maior das características da linguagem verbal: os sons, os ritmos das palavras e frases, o nexo arbitrário que une sons e sentidos, a capacidade infinita de recriação.

Tais traços estão presentes em todas e em cada uma das línguas humanas, e são eles que nos tornam capazes de dizer tudo o que queremos e até mesmo, às vezes, o que não queremos dizer.

E é por saber trabalhar essas características mais profundas da linguagem humana que Ruth Rocha é uma grande escritora. E que sua literatura fascina e humaniza quem a lê. Direitinho como acontece nas três belas histórias reunidas em **Marcelo, marmelo, martelo.**

Os livros de Ruth não apenas contam histórias interessantes e divertidas. Seu modo de contar é sofisticado e envolvente: ela desmancha e dissolve a linguagem cristalizada dos clichês, orquestra repetições de palavras e inventa rimas inesperadas (“Gabriela menina/Gabriela levada/ Ô menina encapetada”, página 28), varia a voz narrativa entre personagens e narrador externo (“Mas me deixem contar a história, do começo”, página 47), conversa com o leitor como se estivesse a seu lado (“O que é que estava acontecendo com Teresinha?”, página 38), e de repente dá uma guinada no texto inserindo na história objetos e situações novas, como o time do Faz-de-Conta, da rua de cima (página 55).

Amarrando tais procedimentos, a literatura de Ruth se inscreve na vertente do humor. Sua fina ironia se dirige a maiores e menores de idade ao realçar aspectos que – no sorriso ou na risada do leitor – mostram o avesso da máquina do mundo, alguns tropeços e outros tantos acertos de gente como a gente, grande ou pequena...



Os uns e os outros

As personagens que protagonizam estas três histórias compartilham problemas e aprendizados: começam a história de um jeito e terminam de outro. Como acontece na vida real com gente grande e gente miúda.



Marcelo, Gabriela, Teresinha e Caloca – como todos nós – querem ser aceitos e amados pelas pessoas com as quais convivem: os outros, de que tanto se fala. E quem são os



outros? São muitos: são os pais de Marcelo, os amigos de Gabriela e de Teresinha, a turma de vizinhos de Caloca. Que, por sua vez, encontram seus outros em Caloca, Teresinha, Gabriela e Marcelo.

E assim por diante.

E é nos encontros e desencontros – mas sobretudo na interação dos uns com os outros – que estas histórias de Ruth ganham ritmo e prendem o leitor. Como é na interação de uns com os outros, na aceitação dos outros pelos uns e vice-versa que a vida ganha boas surpresas, aventuras e encantamento.

Saber *se* e *como* aventuras e surpresas acontecem é que cria o suspense da história e prende o leitor.

Repetições e rupturas

No início de suas respectivas histórias, Marcelo, Teresinha, Gabriela e Caloca são personagens que se parecem com pessoas que todo mundo encontra de vez em quando na vida. Quem é que não conhece crianças que vivem fazendo perguntas a que não se consegue responder? Ou meninas que brincam de boneca e de casinha e outras que jogam futebol e bolinhas de gude? E quem é que não cruzou caminhos com gente – grande e pequena – que se acha dona do mundo? Não é, aliás, do comportamento dessa gente que vem a expressão dono da bola – literal na história de Caloca – que define o sujeito que se acha dono do mundo e quer mandar em tudo?



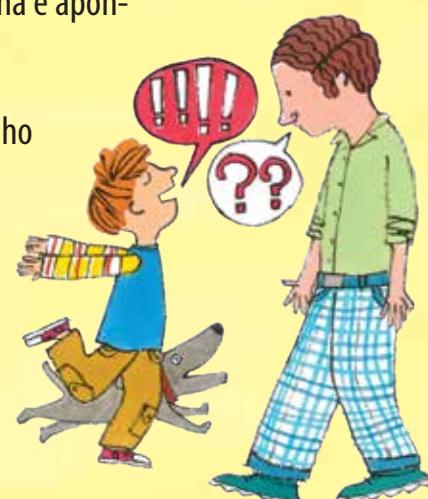
As histórias de Ruth fazem personagens com tais perfis contracenarem com outras e, na sociabilidade que desenvolvem, repensarem seus comportamentos. Pois passar do livro para a vida e vice-versa é um dos grandes encantos da literatura, não é mesmo?

A letra e o traço

As ilustrações de um livro são o registro de uma primeira leitura da história que o livro conta: a leitura do artista ilustrador. No caso da arte de Mariana Massarani (que assina as ilustrações), a representação dos protagonistas e de algumas passagens das histórias lembra o traço da caricatura e dos quadrinhos. As imagens têm cores fortes, contornos definidos, e ocupam largos espaços das páginas.

Não obstante este testemunho da leitura que, ao ilustrar o livro, Mariana fez da história de Ruth, o leitor continua livre para criar suas próprias imagens. Como as palavras, imagens não limitam a imaginação: ao contrário, estimulam-na e apontam diferentes caminhos.

É na sutileza do humor, no capricho dos pequenos detalhes (o carrinho sob o sofá em que estão sentados os pais e a irmã de Marcelo, por exemplo, página 19) que o belo trabalho de Mariana dialoga harmoniosamente com o texto de Ruth, transcrevendo-o em traços e cores que não apenas encantam os leitores, mas desafiam-no a criar novas imagens para aquilo que o texto verbal descreve e narra.

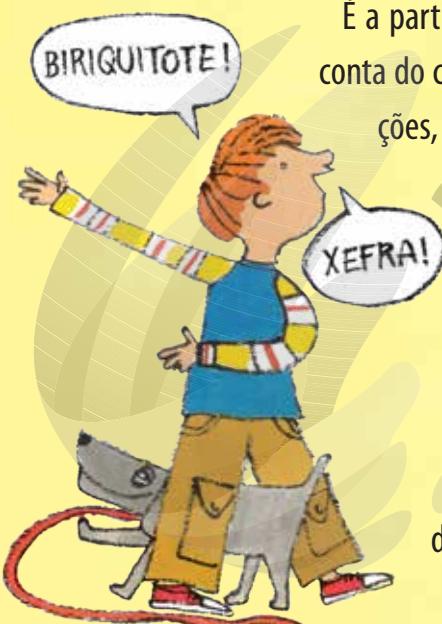


A linguagem

Em todas as histórias deste livro, mas particularmente na de Marcelo, as personagens se veem às voltas com questões de linguagem. Em divertidas passagens, as personagens questionam, tematizam e testam os limites da linguagem, quer fazendo de conta que entendem literalmente modos de dizer metafóricos, quer reinventando formas para expressar sentimentos e emoções e dar nome às coisas.

É essa quase infinita capacidade de renovação que torna a linguagem verbal a mais humanizadora das capacidades humanas. É porque nascemos para falar, porque aprendemos a falar, porque falamos e nos entendem e porque entendemos o que os outros falam que somos humanos. A fala permite que vivamos em sociedade, que interajamos com nossas famílias e com os demais habitantes do globo terrestre.

Embora presente nas três histórias, é em “Marcelo, marmelo, martelo” que, a partir do título, a linguagem é a grande protagonista. O menino vive, na dimensão de sua curta vida de criança, os dois extremos da linguagem verbal: de um lado, o caráter estável, cristalizado e codificado de palavras e expressões, que constroem significados e modos de dizer; de outro, a sedutora e (quase) irresistível e infinita capacidade humana de recriar significados, de inventar palavras e brincar com expressões.



É a partir de sua experiência de seus poucos anos de vida que Marcelo se dá conta do caráter arbitrário da linguagem. Ele percebe que, salvo raríssimas exceções, o som das palavras nada tem a ver com seu significado. É aí que a história começa, quando ele se dá conta da falta de relação entre o som e o sentido das palavras. O enredo da história se tece de suas tentativas de consertar a arbitrariedade, brincando com a língua, mudando significados e inventando palavras.

Na história de Marcelo, o risco que corre o cachorro quando sua casinha pega fogo é o preço que as personagens pagam para aprender a ser poliglotas, isto é, entenderem a linguagem do outro. O esforço dos pais para entenderem o filho é sugestivo.



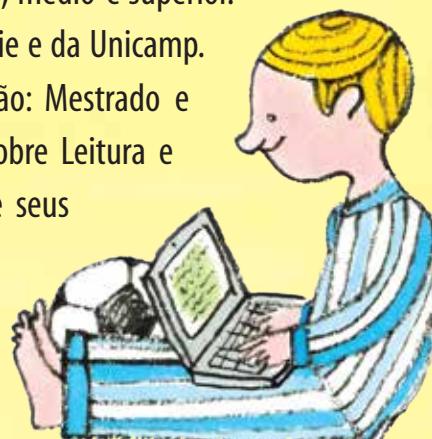
sora. Bem como em “O dono da bola” a aceitação do apelido Caloca (página 61) marca a definitiva aprendizagem de Carlos Alberto das boas regras da vida social, do coleguismo, solidariedade e tolerância.

Aquilo que na história de Marcelo e, em diferentes formatações, na de seus companheiros de livro, são brincadeiras de criança – dar nome às coisas – reproduz em nível mais profundo a ancestral experiência humana, que remonta à narração bíblica, que conta de quando o primeiro homem põe nome às demais criaturas...

... o que sela a universalidade e a atemporalidade deste livro de Ruth Rocha.

Marisa Lajolo

Marisa Lajolo é professora. Já deu aula em ensino fundamental, médio e superior. Atualmente, é professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Unicamp. Formou-se em Letras, na USP, onde fez também Pós-graduação: Mestrado e Doutorado em Teoria Literária. Suas pesquisas debatam sobre Leitura e Literatura Infantil. Monteiro Lobato faz parte de sua vida e de seus trabalhos. Também, Ruth Rocha. O livro que coordenou – *Monteiro Lobato livro a livro (obra infantil)*, IMESP/EdUNESP – ganhou o prêmio Jabuti.





Ruth Rocha

Quero dedicar este livro à turma da minha rua.

A todos os amigos que brincaram comigo de amarelinha, de pegador e de roda. A todas as meninas com quem eu brinquei de bonecas, de comidinhas, de dona de casa.

A toda turma que sentava na calçada nas noites de verão e com quem eu conversava conversas sem fim sobre São Jorge na lua, para que fim estámos todos sobre a Terra, sobre os mistérios da vida e o milagre do parto.

A esta mesma turma com quem eu brincava de mocinho e bandido, de subir nas árvores da casa do meu tio Aurélio para chupar limas e comer aracás.

Com quem eu passeava de bicicleta no Ibirapuera deserto, lia gibis e comentava o último filme da matinê no Phoenix.

Quero dedicar não só este livro como todas as minhas histórias às crianças com quem eu fui, durante anos e anos, a pé, para o Colégio Bandeirantes, cruzando as chácaras perfumadas de flores da Vila Mariana.



Mariana Massanini

A primeira vez que vi este livro foi com a minha irmã Susana, dez anos mais nova que eu. Nunca pensei que um dia me convidariam para ilustrá-lo. Fiquei nervosa! Ilustrar o *Marcelo, marmelo, martelo* é muita responsabilidade. Texto e desenhos que são um clássico! Todo mundo adora o Marcelo, e mudar a imagem dele foi uma tarefa difícil.

Alguns personagens do universo do Marcelo já tinham aparecido na minha prancheta, em outros livros da Ruth, mas, mesmo assim, tremi nas bases.

Uma das partes mais gostosas do meu trabalho é inventar as caras e roupas das personagens. Vou olhando tudo em volta e guardando na cabeça coisas bacanas para usar um dia. A bolsa de *poodle* da Teresinha foi uma dessas cenas que vi na rua e adorei a ideia.

Que história é essa?

Por Luciana Alvarez

Este é um livro 3 em 1: no mesmo volume, além do conto que dá nome à obra, “Marcelo, marmelo, martelo”, há ainda outros dois, “Teresinha e Gabriela” e “O dono da bola”. Como todo **conto**, os três narram histórias curtinhas. Esse gênero costuma ser sempre assim: o texto tem um ou dois personagens principais, com as ações se passando num mesmo lugar, durante um período breve. É como se mostrassem uma “fadia” da vida dos protagonistas.

Os contos apresentam um problema, que vai crescendo e crescendo até chegar a um ponto de grande tensão. A partir desse momento, os protagonistas mudam de comportamento. Dessa forma, no desfecho, o problema é solucionado.

Marcelo percebe que a língua nem sempre obedece a uma lógica clara e, por isso, resolve mudar a própria forma de falar. Porém, seu novo jeito de se expressar não fica claro para as outras pessoas. Quando ele alerta que a casinha do seu cachorro está em chamas, os pais não o entendem – e a casa do Godofredo é destruída. Mesmo com um resultado tão ruim, Marcelo continua falando do seu jeito; no final, são os pais que passam a se esforçar mais para entendê-lo. Além de, claro, construírem uma casa nova para o cão.

Na segunda história, Gabriela e Teresinha são meninas muito diferentes entre si; uma é levada, outra é quietinha. Mesmo sem se conhecerem pessoalmente, uma parece sentir inveja da outra. Na frente dos outros, falam mal, mas às escondidas tentam copiar tudo o que a outra faz. Depois de uns instantes para lá de tensos, ao se verem pela primeira vez, as duas se dão conta do papel ridículo que estavam fazendo. O resultado é que cada uma aprende com o jeito da outra e se tornam amigas.

O último conto nos apresenta Carlos Alberto, um garoto mimado que leva a bola para casa quando é contrariado pela turma do futebol. Os meninos da rua gostam muito de jogar com a bola do Caloca (seu apelido), mas, cansados desse comportamento, decidem ignorar o dono da bola. Com esse “gelo”, Caloca percebe como é chato brincar sozinho e muda de atitude. Ele resolve dar a bola de couro de presente para o time. Assim, todos se divertem.

As três histórias foram inventadas por Ruth Rocha, uma das mais importantes autoras de literatura infantil do Brasil. Paulistana, ela chegou a trabalhar como orientadora educacional

em uma escola, mas faz mais de 50 anos que se dedica a escrever histórias deliciosas como as deste volume. Com Ruth Rocha, os números são todos enormes: já escreveu mais de 200 títulos e tem obras publicadas em 25 idiomas. Este livro aqui já vendeu mais de 20 milhões de exemplares e há décadas vem encantando gerações de crianças.

E eu com isso?

Os temas tratados em cada conto são diferentes entre si, mas têm uma coisa em comum: fazem referência a questões presentes na vida de quase toda criança. Que criança nunca se indignou com uma regra da língua portuguesa que parece completamente sem sentido? E quem nunca olhou para um colega muito popular e procurou imitá-lo, para tentar ganhar a admiração dos outros? E aposte que você conhece alguém mimado, que não gosta de emprestar as coisas. Na verdade, acho até que, em algum momento, você mesmo já agiu como o Caloca e não quis dividir um brinquedo.

O bom é que, como os protagonistas das histórias, nós também podemos mudar de comportamento. Nossa turma do futebol pode não chegar ao ponto de nos ignorar, mas ao ler sobre isso em um livro, nós mesmos podemos perceber que estamos errados e passamos a agir diferente. Como os personagens de Ruth Rocha, todos nós temos defeitos, mas temos também capacidade de nos transformar.

Com a leitura, podemos aprender a olhar para os outros com mais paciência. Todo mundo tem direito a ter uns momentos de inveja, posse, teimosia. No conto “Marcelo, marmelo, martelo”, a autora mostra que as pessoas podem “trocar de lado” e viver a mesma situação em outro papel. Lá no finalzinho, ela conta que Marcelo cresceu e, então, sua filha começa a fazer os questionamentos que ele fazia quando era criança. Embora não dê os detalhes de quais confusões a menina vai provocar, o leitor fica só imaginando que agora vai ser Marcelo que vai ter de se virar para entender o que sua filha quer dizer.

